



MEMÓRIAS DE SÃO MARCOS: COLATINA (ES)

Coleção Territórios em Risco - 1

Alfredo Lampier Junior

Andressa Maria Rovetta

Esdras Eduardo Pontes Almonfrey

Fabício Cardoso de Mello

Hugo Mariani Frossard

Luciana Schaefer

Marcos Barreto de Mendonça

Melissa Ramos da Silva Oliveira

Teresa Cristina da Silva Rosa



MEMÓRIAS DE SÃO MARCOS

COLATINA (ES)

Coleção Territórios em Risco - 1

Alfredo Lampier Junior

Andressa Maria Rovetta

Esdras Eduardo Pontes Almonfrey

Fabício Cardoso de Mello

Hugo Mariani Frossard

Luciana Schaeffer

Marcos Barreto de Mendonça

Melissa Ramos da Silva Oliveira

Teresa Cristina da Silva Rosa



Projeto Gráfico
Luciana Schaeffer

Impressão
Gráfica GSA

Revisão
Alfredo Lampier Junior
Andressa Maria Rovetta
Fabrício Cardoso de Mello
Luciana Schaeffer
Marcos Barreto de Mendonça
Melissa Ramos da Silva Oliveira
Teresa Cristina da Silva Rosa

DOI: 10.29327/5473804

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L238m Lampier Junior, Alfredo.
 Memórias de São Marcos, Colatina (ES) / Alfredo
 Lampier Junior, Andressa Maria Rovetta, Esdras Eduardo
 Pontes Almonfrey, Fabrício Cardoso de Mello, Hugo Mariani
 Frossard, Luciana Schaeffer, Marcos Barreto de Mendonça,
 Melissa Ramos da Silva Oliveira, Teresa Cristina da Silva
 Rosa.

Vila Velha, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2024.

54 p. : il. foto. color. ; 23 cm.

(Coleção Territórios em Risco ; v. 1)

ISBN 978-65-6013-076-0

1. São Marcos, Colatina (ES). 2. Memórias. I. Série

CDD – 981.52

A Coleção Territórios em Risco é uma iniciativa dos Programas de Pós Graduação em Arquitetura e Cidade e em Sociologia Política da Universidade Vila Velha. Ela visa divulgar os resultados de projetos de pesquisa e de extensão em formato de livretos.

A Coleção Territórios em Risco privilegia projetos que promovam o diálogo entre comunidades territoriais vulnerabilizadas e pesquisadores, dando voz aos sujeitos do Sul Global invisibilizados pelo modo de vida capitalista neoliberal na sua racionalidade hegemônica do Norte Global.

A coleção assume que as comunidades vulnerabilizadas do Sul Global em suas próprias dinâmicas territoriais produzem saberes em um processo endógeno, orgânico e interdependente da realidade multidimensional, multitemporal e multiescalar capazes de expressarem modos de vida outros mais em consonância com a lógica ecológica local.

Deste modo, a coleção contribui para visibilizar os modos de vida destes sujeitos, desvelando e valorizando as experiências, os discursos, as interpretações, as memórias, os saberes territorializados sobre os seus entornos e sobre as transformações territoriais como efeitos produzidos pela inserção de territórios do Sul Global na racionalidade ocidentalocêntrica do mercado.

Melissa e Teresa

SUMÁRIO

Apresentação	07
Caracterização geral da comunidade de São Marcos	11
História da Ocupação	13
Transformações e Infraestrutura urbana	17
Riscos Socioambientais	23
Mapeamento da comunidade	31
Percurso dialogado	32
Plano de Ação	42
Considerações Finais	45
Referências	48
Sobre os autores	50
Comunidade	53
Agradecimentos	54





É com grande satisfação que apresentamos o resultado do projeto de Extensão “Territórios em risco em ações da extensão universitária: transformações, experiências e memórias de Sujeitos em Colatina e Marilândia (Região Centro Oeste, ES)”, financiado pela FAPES – Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo.

Este projeto é fruto de um esforço colaborativo entre a comunidade local e os pesquisadores da Universidade de Vila Velha (UVV), do Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É um projeto interdisciplinar que contempla pesquisadores de áreas distintas: arquitetos, geógrafos, engenheiros, advogados e cientistas sociais.

Este projeto de extensão teve o objetivo de explorar e compreender os desafios enfrentados pelo Bairro São Marcos situado no município de Colatina, no estado do Espírito Santo, frente aos riscos socioambientais.

APRESENTAÇÃO



Com este objetivo, mergulhamos no contexto socioambiental do Bairro São Marcos através das memórias dos recordadores, examinando suas características, transformações e vulnerabilidades. Por meio de um olhar cuidadoso e interdisciplinar, investigamos os riscos existentes, como eventos deflagrados por chuvas extremas que resultam em deslizamentos de terra e inundações, as condições da infraestrutura urbana, bem como as vulnerabilidades sociais da comunidade. Ao compartilharmos essas experiências e reflexões, esperamos contribuir para o entendimento dos riscos locais e propor ações para a sua mitigação.

Dadas as características de um bairro de assentamento precário, encontramos, em sua imensa maioria, residências simples. De toda forma, a força desse lugar sempre residiu na coesão social e no senso de pertencimento que une os moradores há décadas.

A paisagem do Bairro São Marcos é predominantemente residencial, com pequenos estabelecimentos comerciais e de serviços locais pontuando o cenário. No entanto, a escassez de áreas verdes e espaços públicos de lazer é evidente, destacando a necessidade de investimentos nessa área. Além disso, a ocupação informal do solo é uma realidade, com construções em áreas de risco representando um desafio significativo para a comunidade.



Esse quadro culminou em 2013 em um desastre que abalou suas estruturas e deixou marcas profundas na comunidade. Um deslizamento de terra resultou na perda de vidas e danos materiais significativos, destacando a vulnerabilidade do bairro a eventos extremos. Desde então, a necessidade de medidas de prevenção e mitigação de riscos mais eficazes tornou-se uma prioridade para os moradores e autoridades locais.

A infraestrutura urbana no Bairro São Marcos é básica, com ruas pavimentadas, porém com dificuldades relacionadas ao transporte público. O bairro é parcialmente atendido pelo abastecimento de água e sistema de esgoto, mas há desafios significativos em relação à qualidade e disponibilidade desses serviços. Equipamentos públicos, como escolas e postos de saúde são limitados, destacando-se a necessidade de investimentos para atender às demandas da comunidade.

Neste livro, tratamos das memórias afetivas do Bairro de São Marcos, explorando suas histórias, nuances e desafios. Esperamos que este trabalho ajude a iluminar o caminho para o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida dos moradores.

APRESENTAÇÃO

CARACTERIZAÇÃO GERAL DA COMUNIDADE DE SÃO MARCOS

O Bairro São Marcos, localizado nas margens da Rodovia BR-259, em Colatina-ES, faz divisa com os bairros Morada do Sol, Novo Horizonte e Martineli. É uma área residencial que enfrenta diversos desafios socioambientais, uma vez que a sua topografia íngreme, com inúmeras áreas de risco, somada à ocupação irregular do solo, exacerbam ainda mais os problemas da comunidade.

São Marcos é caracterizado por uma combinação de residências unifamiliares, pequenos comércios e áreas de risco, especialmente em zonas próximas a encostas. Em 2013, o bairro sofreu um grave desastre com o desmoronamento de terras, que causou várias mortes e feridos, somados à danos significativos a casas, o que evidenciou a necessidade de intervenções preventivas e de infraestrutura.

Com uma população de aproximadamente 2.848 habitantes, a comunidade é composta por famílias de diferentes origens, criando um ambiente diversificado. No entanto, os riscos geológicos e a insegurança pública são preocupações constantes para os moradores. Com respeito ao último ponto, São Marcos enfrenta problemas relacionados à insegurança, violência em geral e violência doméstica.

Apesar desses desafios, o bairro possui uma infraestrutura básica razoavelmente bem estabelecida, incluindo Escola, Posto de Saúde e está em fase de construção de uma nova creche. Há também um forte senso de comunidade, com moradores frequentemente se mobilizando para a busca de melhoria para o bairro. Em resumo, São Marcos é um bairro resiliente que, apesar das adversidades, continua a lutar por um ambiente mais seguro e acolhedor para todos os seus moradores.

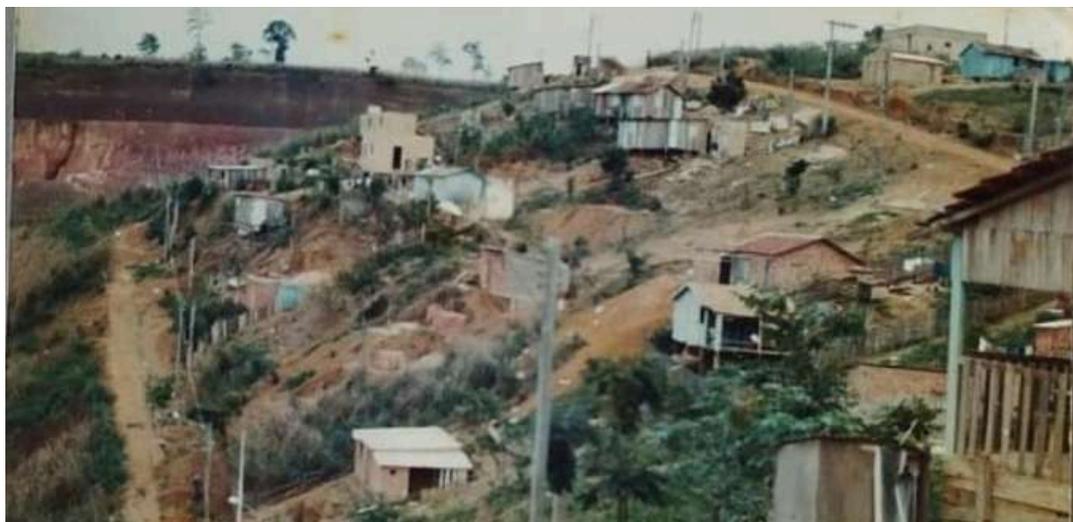


HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO

O Bairro São Marcos, em Colatina - ES, começou sua jornada há cerca de três décadas, quando os primeiros moradores chegaram ao local. Sua paisagem urbana ainda era um cenário rudimentar, com poucas casas espalhadas, ausência de infraestrutura básica e serviços públicos. A falta de água encanada era uma realidade comum, o que motivou os moradores a empreender uma luta para garantir esse recurso essencial para a comunidade.

Com o passar dos anos, houve uma evolução gradual: da formação incipiente do bairro ao início da organização com a gestação de uma futura associação de moradores. Importante frisar que essa evolução não ocorreu sem obstáculos. Destaca-se os transtornos causados pelas chuvas devido à ausência de calçamento, das ameaças dos deslizamentos, que culminaram em um desastre em 2013, vitimando várias pessoas da comunidade e causando danos sociais.

Apesar das adversidades enfrentadas ao longo do tempo, os moradores guardam com carinho as lembranças de um passado, onde a comunidade era pequena e todos se conheciam. Esse sentimento de pertencimento e solidariedade é um reflexo da resiliência da comunidade do Bairro São Marcos, que, ao enfrentar desafios, encontrou forças para construir uma história de superação.



pela voz de moradores

[...] Eu moro aqui há 40 anos. Quando eu cheguei aqui não tinha casa aqui, o primeiro lote comprado aqui foi a gente que comprou na imobiliária Dalla Bernardina antigamente. Quase tudo aqui é da Dalla Bernardina. Compramos os primeiros lotes aqui, porém os piores lotes, na pior rua, que caiu aquele muro de vez, nossa casa lá tá interditada até hoje pela prefeitura. E é isso. Fui um dos primeiros moradores”.

(Entrevistado 01)





pela voz de moradores

Isso aqui, antes era quase uma favela, não tínhamos ônibus aqui, era só até na pista, tinha que andar a pé, com lama até na canela, tudo que você imaginar aqui não tinha. Naquela época não tinha água, não tinha esgoto, nada. Era esgoto a céu aberto.

(Entrevistado 02)

É, eu cheguei aqui era bem no começo mesmo. Não tinha água potável, não tinha rede de esgoto, não tinha nada... Quando cheguei tinha o Guidoni, aquela casinha ali, eu comprei o lote dele dos fundos. Tinha a Dona Gene aqui e os outros espalhados.

(Entrevistado 03)



pela voz de moradores

Aí que fizeram essas casinhas aqui na beirada, depois veio as outras.

(Entrevistado 02)

Eu vi uma grande parte da evolução do bairro, mas quando eu já cheguei aqui já tinha água encanada, não tinha muitas ruas, não tinha rede esgoto. E então depois foi evoluindo, não tinha calçamento, não tinha escola também. A escola era só no Honório Fraga, como hoje ainda não temos dentro do bairro, acho que era a demanda também não é suficiente mas aqui não tinha. Naquela época não tinha água, não tinha esgoto, nada. Era esgoto a céu aberto.

(Entrevistado 02)



TRANSFORMAÇÕES E INFRAESTRUTURA URBANA

Desde os momentos iniciais de sua ocupação e constituição, o Bairro São Marcos viu seus mais antigos moradores enfrentarem desafios que refletiam a precariedade da infraestrutura urbana, quase inexistente à época. Ruas sem calçamento que traziam problemas de locomoção da própria população e que se agravavam no período de chuvas, somadas a ausência de redes de água e esgoto, além da escassez de serviços básicos como transporte público, eram marcas deste momento inicial. Apesar das dificuldades, os moradores uniram esforços para criar soluções coletivas, efetuar cobranças às autoridades constituídas e adaptar-se ao ambiente em constante transformação.

Com o passar dos anos, o cenário começou a mudar gradualmente. Segundo entendimento dos moradores, o bairro testemunhou melhorias significativas na infraestrutura, incluindo a pavimentação das ruas e a instalação de redes de serviços básicos.



No entanto, mesmo com essas melhorias, desafios persistiram. Questões como a falta de manutenção das vias públicas e a saturação dos serviços básicos permaneceram. Neste particular, destaca-se a ausência de atendimento médico em número de profissionais adequado, bem como a dificuldade enfrentada com o fato de que, desde o desastre do deslizamento de terras em 2013, a creche do bairro funciona num imóvel alugado e com estrutura inadequada para o atendimento da demanda. Ressalta-se, contudo, que recentemente foi iniciada uma obra da nova creche.

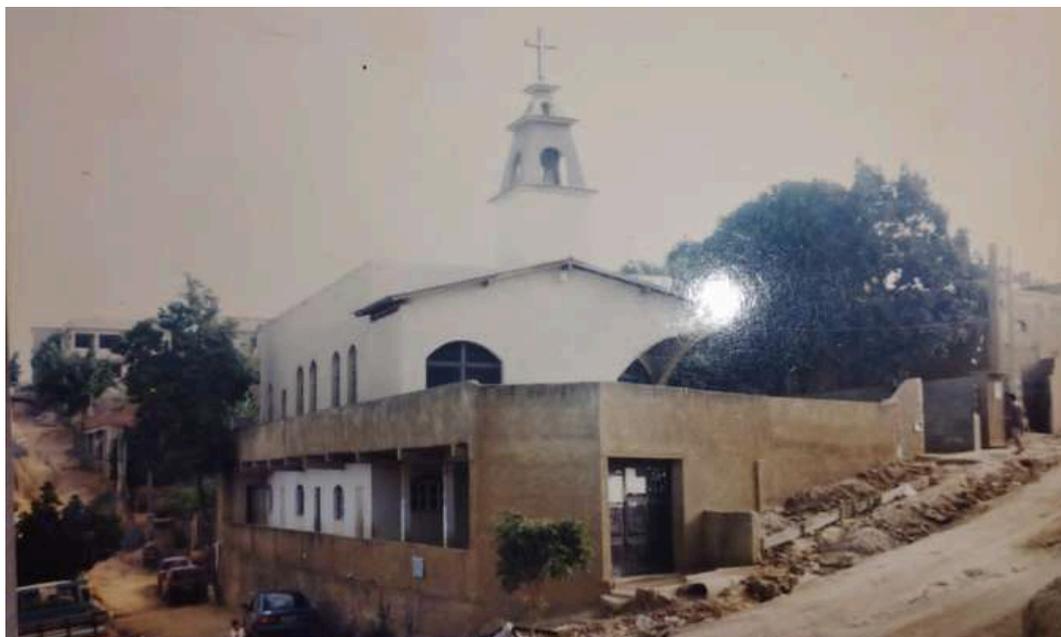
Hoje, embora seja um bairro que necessite de muitas melhorias, há, por parte dos moradores, a percepção de que está em um estágio mais avançado de desenvolvimento e estruturação. Sua infraestrutura é mais consolidada e diversificada, refletindo os esforços contínuos da comunidade em busca de um padrão de vida melhor, impulsionados pela atuação da Associação de Moradores. Apesar dos desafios restantes, há um forte senso de pertencimento e determinação entre os residentes, que continuam a trabalhar e cobrar as autoridades para tornar o bairro um lugar mais resiliente diante dos riscos.



pela voz de moradores

Fomos conseguindo aos poucos, não tinha igreja católica nem evangélicas. Alguns prefeitos entraram, foram dando prioridade ao calçamento do bairro e drenagem. Quando chovia no bairro São Marcos afetava os bairros abaixo, como Novo Horizonte e Honório Fraga, carregava todo lixo e terra. Enxergaram a necessidade de organizar o bairro
(Entrevistado 04)





pela voz de moradores

Então no nosso bairro hoje nós temos farmácia, padaria, nós temos as igrejas, várias religiões, tem a nossa quadra de esporte, tem nosso posto de saúde, todas as nossas ruas hoje são calçadas. (Entrevistado 05)

Não tinha nem estrada aqui, foi enchendo de gente aí foi fazendo. Traziam água de carro da água, porque eu comprei um cano e fui lá embaixo e fui pedir morador lá embaixo para me emprestar água, lá do Honório Fraga, naquela época, aí eu a peguei de lá de baixo e liguei lá para casa. Aonde eu coloquei uma caixa de mil litros que os Pergentinos me deram naquela época, aí me deram e eu coloquei lá, aí eu a enchia e ainda ficou foi enchendo de gente e fui dando água pros vizinhos. (Entrevistado 01)



pela voz de moradores

Agora graças a Deus, deu uma normalizada, estava muito complicado com as famílias que moram aqui, que querem criar com dignidade. [...] Agora eu posso andar com um pouco mais de estabilidade
(Entrevistado 02)

Naquela época era sofrimento, mas hoje você olhando para trás, igual na vida da gente é né, a gente vê e fala, nossa legal, ne? (Entrevistado 06)

Eu bato nessa tecla. O que tem que trabalhar é na prevenção. Hoje a tecnologia mostra onde vai ter chuva além, igual teve em São Paulo. Fico pensando no que poderia ter feito na época, ter tirado todo mundo da região, porque se derrubasse uma casa lá em baixo não ia matar ninguém. A tragédia ia ser bem menor. (Entrevistado 06)



RISCOS SOCIOAMBIENTAIS

Durante toda as atividades do Projeto de Extensão, percebeu-se uma realidade marcada por desafios socioambientais que persistem dos primórdios do Bairro São Marcos até os dias atuais. Desde o início da ocupação, a ausência de infraestrutura básica, como calçamento adequado e, principalmente, contenção de encostas em áreas de risco, trouxe preocupações sobre a segurança e bem-estar da comunidade. O evento desastroso de 2013, um deslizamento de terra que resultou na perda de sete vidas, serviu como um lembrete sombrio da vulnerabilidade enfrentada pelos moradores diante da falta de medidas adequadas de prevenção e de mitigação de riscos por parte das autoridades.

Além dos desafios ambientais, a violência emergiu como uma preocupação crescente no Bairro São Marcos. A ausência de um Posto Policial facilita atividades ilegais, gerando insegurança, especialmente para as crianças, cuja educação é prejudicada por esse contexto. A violência doméstica também é um problema significativo, com muitos relatos de violência psicológica, que são difíceis de reconhecer e denunciar. Muitas vezes, agressões verbais e emocionais são vistas como normais ou justificadas, prolongando o sofrimento. A comunidade acredita que uma atuação mais efetiva do CRAS, com sua equipe multidisciplinar, seria fundamental para proporcionar o acolhimento necessário, ajudando as mulheres a se sentirem seguras e apoiadas para denunciar as agressões.



Por fim, porém não menos importante, o desastre da Samarco em 2015 exacerbou ainda mais essas vulnerabilidades, afetando não apenas o fornecimento de água que vinha do Rio Doce, mas também a confiança na qualidade da água tratada.

Os moradores continuam a enfrentar desafios persistentes em relação à segurança, habitação e qualidade de vida, destacando a necessidade de uma abordagem mais proativa por parte das autoridades locais e uma maior união entre a comunidade para enfrentar esses desafios em conjunto.



pela voz de moradores

“Infelizmente aconteceu a tragédia por conta da chuva, há mais ou menos 10 anos atrás, foram sete mortes. Teve conhecido nossos que morreram. Mesmo não sendo parentes, nós sentimos muito pela vizinhança por perderem a vida.

Crianças também morreram. Acredito tenha sido falta de o Poder Público prever o que estava para acontecer”.

(Entrevistado 04)

”.

“Não é só as pessoas que morreram, as famílias que ficaram, a gente nunca vai esquecer disso. As pessoas fazem falta, porque toda vez que a gente passa lá, a gente lembra, né?”

(Entrevistado 05)



pela voz de moradores

“Por exemplo, é um bairro violento, no espaço de oito meses, tivemos duas mortes de jovens, foi uma notícia triste, porque eram filhos de amigos.” (...)

(Entrevistado 05)

“E que acontece, essas duas mortes, não deu em nada, ninguém trouxe uma resposta à comunidade, entende? Mesmo que a pessoa esteja no caminho errado, mas ninguém pode esquecer deles, são filhos de gente aqui da comunidade, que a gente viu crescer.”

(Entrevistado 04)

pela voz de moradores

Por exemplo, o “Entrevistado 04” que criou seus dois filhos, eu tenho um filho rapaz também.

Tem que ter muito cuidado para gente criar nossos filhos aqui, é um desafio criar seu filho para ele não ir nesse mundo. Graças a Deus o “Entrevistado 04” conseguiu, eu também estou conseguindo, mas tem outros pais que não conseguem. Então a minha preocupação como morador do bairro é a segurança pública.

(Entrevistado 05)





pela voz de moradores

É um espaço alugado. Tem, mas o espaço é muito quente. Tinha que fazer uma nova creche, tem que ter lugar pros meninos brincarem e lá não tem. Não atende, porque não tem espaço. É tipo aqui, tem o quarto dos meninos, lá no final tem o refeitório. Então assim, é muito pequeno, além de tudo é quente.
(Entrevistado 02)

*O que marcou [no desastre da Samarco] foi a falta de água, ficamos bastante meses sem usar a água do rio. Era um sofrimento pra pegar água que eles davam, tinham as filas. Quem trabalhava não conseguia pegar água (...)
Eu pego até hoje água da nascente, em outro bairro, lá no Córrego do Ouro. Porque minha mulher não cozinha com a água do Rio Doce.*
(Entrevistado 04)



pela voz de moradores

Não temos documento, o meu lote por exemplo, não é nem um lote, é 7,5 X 8m, só deu mesmo pra eu fazer meu barraquinho. Graças a Deus que eu tenho, ótimo. Mas é na base do recibo. Desde a época de um “antigo prefeito”, falaram que iriam dar a escritura, fizeram uma reunião ali na fábrica, e ele não deu.

(Entrevistado 02)

Quase todo mundo é recibo. Aqui no São Marcos não tem (escritura), porque dizem que é área de risco. Por isso que não deram até hoje. Tem mais de 10 anos.

(Entrevistado 06)



pela voz de moradores

“Há pessoas que sofrem... Eu mesmo sofria muita violência psicológica. Isso foi motivo de acabar com o meu casamento. Eu achava que aquilo era normal, as coisas que ele falava e dizia.” (Entrevistado 03)

“A gente sabe que é assim: tem a violência mesmo e a violência psicológica que muitas vezes as mulheres não conseguem falar... Mas há muita violência psicológica” (Entrevistado 06)

“O acolhimento ajuda... Às vezes está oprimida e o acolhimento cria uma liberdade, um vínculo, saber que está sendo acolhida, uma confiança, essa é a palavra... acaba se soltando devagarinho... Pois comigo foi assim... precisou de partir de mim, de tomar coragem de denunciar... E olha que foram 27 anos de violência...” (Entrevistado 03)

MAPEAMENTO DA COMUNIDADE

RODAS DE CONVERSA

A roda de conversa é um espaço aberto de troca de ideias, diálogo, enfrentamentos e confrontações entre os próprios integrantes. São momentos de partilha de experiências e memórias sobre situações vividas de risco, onde o condutor se posiciona na escuta empática e acolhedora, muitas vezes, de uma narrativa de alguém sentir sua dor (Losekann, 2018, p. 20).

Foi acordado com a comunidade que a roda de conversa iria acontecer dentro da própria comunidade. O local definido para as reuniões foi um espaço comercial desocupado do presidente da Associação de Bairro da comunidade de São Marcos, um local que na prática funcionava como “sede” provisória da Associação. Neste local reuniu-se a comunidade e efetuou-se o registro em vídeo fotográfico das discussões acerca das problemáticas locais.

CARTOGRAFIA SOCIOAMBIENTAL E PERCURSO DIALOGADO

A cartografia socioambiental visa mapear as experiências sobre o território a partir da construção de mapas participativos por membros da comunidade. É um instrumento alternativo aos mapas oficiais, tornando-se ferramenta de empoderamento para os sujeitos a ser empregado na negociação de tomada de decisão (Acselrad, 2010).

Neste projeto, a própria comunidade desenhou, em cima de uma base impresso, as áreas de risco socioambiental, as transformações e problemáticas postas por situações de risco resultantes das transformações do território. Essa etapa foi realizada por meio de itinerários urbanos dentro da comunidade. Seguindo a metodologia de Catherine Reginensi (2020), os percursos urbanos foram definidos pelos próprios moradores, que conduziram a equipe - por meio de uma caminhada - dentro da área da comunidade, para mostrar as áreas de riscos e vulnerabilidades do local. Todo o percurso foi registrado por fotos e áudio, seguindo a metodologia de Reginensi (2020). Nesse percurso, os moradores também fizeram desenhos e anotações com as percepções de riscos identificadas por eles, produzindo a cartografia socioambiental.



PERCURSO DIALOGADO

Em uma ensolarada manhã de julho de 2023, a maioria dos componentes do projeto “Territórios em risco” iniciou uma caminhada pelo Bairro São Marcos, situado município de Colatina, no estado do Espírito Santo.

A definição do roteiro da visita à localidade foi deixada totalmente em aberto, cabendo decisão de eventual itinerário aos moradores envolvidos no projeto de Extensão, conforme determina a metodologia proposta por Reginensi (2020). O percurso foi demonstrado no mapa que se segue.





Ato contínuo, seguimos a nossa jornada adentrando pela rua Dionisio Alves de Souza, que se estende lateralmente à BR-259. Essa antiga via é uma das primeiras do bairro. Caminhando pela referida rua, que não conta com iluminação pública, deparamo-nos com uma história singular que ecoa dos tempos pretéritos dos moradores. Uma espécie de gruta, à beira de um barranco, na verdade uma escavação datada de várias décadas, silenciosa guardiã do passado, que fica escondida entre uma vegetação que ali se encontra. Sobre essa escavação, os moradores mais antigos da comunidade compartilharam conosco a prática de extrair uma argila de tonalidade branca, também conhecida como barro branco. Essa argila, utilizada para pintar fogões e cozinhas, era um recurso estimado pelos moradores menos favorecidos.







Partindo da sede da Associação de Moradores (local em que sempre nos reunimos em encontros anteriores) começando a caminhada em direção a um local onde havia, no início da ocupação do bairro São Marcos, uma bica d'água (denominada pelos locais como "Biquinha"), momento em que os moradores mais antigos recordaram o local como fonte de água e espaço para que as mulheres lavassem as roupas de sua família (prática corriqueira à época).

Uma das moradoras nos indicou um pouco de longe (embora pudéssemos ter uma boa noção) a antiga localização da bica d'água, que ficava do outro lado da BR-259 e não mais existe. Hoje, ela encontra-se encanada com uma estrutura de alvenaria feita pelo município há vários anos.

Nesse local em que fizemos nossa primeira parada com explicações e evocações de memórias sobre a Bica D'água e as dinâmicas ali vivenciadas, também foi momento em que indicaram o local em que havia sido construída a primeira casa do Bairro, bem como rememoraram a existência de uma chácara particular, pertencente à época a uma família conhecida do bairro São Marcos.



PERCURSO DIALOGADO

Caminhando adiante, adentramos pelos becos entrelaçados na tessitura do bairro. Esses becos, como os fios de uma trama, nos conduziram a um local de transformação. Um muro de contenção estava sendo erguido, uma intervenção necessária e urgente para conter os perigos iminentes de novos deslizamentos.

Destaca-se que quando da nossa primeira reunião com a comunidade tivemos relatos do perigo que tal local representava, dada a possibilidade de voltarem a sentir na pele o sofrimento vivenciado quando do desastre de 2013, que ceifou vidas de pessoas, inclusive crianças, do Bairro.

Nesse ponto, ficou evidente a luta da comunidade para preservar suas vidas e lares, enfrentando desafios. De igual forma, durante o trajeto, cada um compartilhava suas experiências. O espírito de comunidade, enraizado nas adversidades enfrentadas, era sentido em cada relato.



PERCURSO DIALOGADO



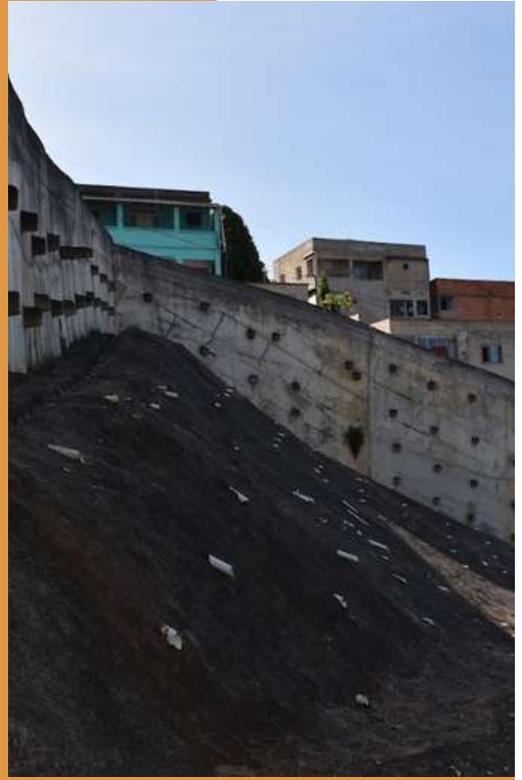


Não muito longe dali nos deslocamos para um espaço marcado por um desastre que abalou a comunidade em dezembro de 2013. Sete vidas foram tragadas pela força avassaladora de um deslizamento de terra, deixando marcas na memória daqueles que permaneceram. A lembrança desse evento registrada nos anais da história local e estadual, serve como um testemunho da resiliência e solidariedade do povo da Comunidade de São Marcos. Neste ponto, registre-se, há a percepção de uma atmosfera carregada de emoções, um equilíbrio delicado entre a tristeza pela perda e a determinação de evitar que tal tragédia se repita.

Na sequência, chegamos a um ponto que evoca lembranças de um deslizamento semelhante ocorrido no mesmo fatídico dia e ano. Porém, nessa ocasião, o desastre não se traduziu em perdas de vidas humanas, mas a cicatriz permanece como um lembrete de quão frágil é o equilíbrio entre a natureza e a vida humana.

A visita à Comunidade de São Marcos foi uma imersão nas histórias e memórias que se entrelaçam nas ruas, becos e corações dessa comunidade resiliente. Essa experiência tem sido uma lição sobre a capacidade humana de resistir, reconstruir, encontrar significado em meio às adversidades e aprender com essas vivências. A participação dos moradores no percurso junto à equipe do projeto foi fundamental para que pudéssemos conhecer o bairro através de seus olhares, de modo a compartilhar com eles um pouco de sua vivência histórica e de seu cotidiano.

PERCURSO DIALOGADO



PLANO DE AÇÃO

Esses apontamentos têm em vista a escala local e não desconsideram que mudanças extensas e duradouras em favor do bem estar da comunidade também dependem de transformações sistêmicas, nos níveis meso e macroestruturais, principalmente no tocante ao combate às diferentes formas de desigualdade na sociedade.



SEGURANÇA PÚBLICA DO BAIRRO

Levantamento das necessidades de segurança específicas do bairro por meio de consultas à comunidade e análise de dados.

Diálogo com as autoridades de segurança para a revisão do padrão de policiamento no bairro, no intuito de torná-lo mais seguro aos moradores.

Articulação com o Poder Público e as suas forças de segurança a fim de realização de campanhas de conscientização relacionados a esse tema.



SEGURANÇA FUNDIÁRIA

Revisão e atualização do programa de regularização fundiária existente, identificando possíveis obstáculos burocráticos e simplificando os procedimentos necessários para a obtenção de escrituras de propriedade.

Estabelecimento de um cronograma claro e transparente para a regularização fundiária, com metas e prazos definidos para a conclusão do processo.

Mobilização da comunidade para participar ativamente do processo de regularização, fornecendo documentação necessária e acompanhando o progresso das iniciativas.



ASSISTÊNCIA SOCIAL E SAÚDE

Avaliação das necessidades de saúde da comunidade, incluindo a demanda por serviços médicos e odontológicos.

Contratação de profissionais de saúde, como médicos de família, pediatras e dentistas, para atender às necessidades específicas do bairro.

Cobrança de maior atenção do CRAS para fins de acolhimento e atendimento na comunidade, em especial vítimas de violência doméstica.



OCUPAÇÃO DE ÁREAS DE RISCO

Realização de um mapeamento detalhado das áreas de risco no bairro, utilizando informações geográficas e geotécnicas para identificar as regiões mais suscetíveis a deslizamentos e vulneráveis.

Implementação de medidas de prevenção e mitigação de riscos de desastres, como a construção de contenção, sistemas de drenagem e reflorestamento de encostas.

Estabelecimento de um sistema de alerta, incluindo um plano de evacuação emergencial e educação, em colaboração com a Defesa Civil e outras autoridades competentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão “Territórios em Risco” em Colatina possibilitou a ativa participação de moradores-recordadores da comunidade de São Marcos de modo que eles se tornassem co-autores do rico material pertencente a estes sujeitos que voluntariamente aceitaram participar do projeto. Graças as suas narrativas trazidas através das rodas de conversa e do percurso dialogado, foi feito um levantamento das características territoriais na perspectiva histórica e das experiências cotidianas sobre este bairro colatinense, além de registro imagéticos e cartográficos sobre esta comunidade. Assim, o resultado final se baseia na elaboração coletiva orientada pelo respeito e a escuta em um ambiente de diálogo entre os moradores e entre eles e toda a equipe de pesquisadores deste projeto.

A percepção, a leitura e a interpretação da realidade de São Marcos por seus sujeitos apontam para aspectos típicos de territórios afetados pelo processo de transformação da modernidade. Evocadas pelos co-autores nativos, a expansão urbana é sentida pelo constante crescimento da comunidade através da busca constante por imóveis para locação de baixo custo por futuros novos habitantes. Ou seja, tal expansão revela uma demanda por moradia que estimula a ocupação de áreas que já seriam ou podem se tornar de risco. Diante de uma expansão urbana intensiva, persistente e perversa associada a uma política de habitação popular inadequada a demanda, é possível que essa ocupação se agrave no futuro com o surgimento de novas habitações em locais mapeados e considerados de risco pelos recordadores.

O material cartográfico e documental resultante desta pesquisa não tem simplesmente um aspecto informativo. Vai mais além, ele tem caráter histórico-educativo na medida em que ele é um registro validado pelos recordadores podendo ser apresentado ao poder público municipal como sendo a visão desta comunidade sobre o seu território. Ademais, isso pode fomentar a relação dos moradores e de seus movimentos sociais locais com o Estado tendo os primeiros em mãos uma agenda de ações sistematizada.

Esta agenda pode servir, assim, de elemento de negociação entre os sujeitos desta comunidade e o poder público municipal visando se colocar em prática ações e/ou políticas públicas norteadas por vulnerabilidades territoriais a serem mitigadas e por necessidades a serem respondidas, as quais foram apontadas pelos co autores pela cartografia social.

O ambiente criado pelos procedimentos metodológicos selecionados pelo projeto possibilitou o compartilhamento de saberes nativos locais e de conhecimentos científicos. Tal processo de compartilhar é capaz de efetivar uma aprendizagem de todos os envolvidos: dos recordadores-moradores aos pesquisadores.

O mais enriquecedor é compreender que estes saberes nativos evocados são constituídos pelas experiências destes moradores nas suas diversas trocas e relações com todas as dimensões que compõem o cenário territorial. Neste sentido, eles podem ser apreendidos como sendo um saberes orgânicos na perspectiva contra colonial de Antônio Bispo dos Santos.

Finalmente, o material desenvolvido se constitui, assim, pelos registros feitos pela equipe do projeto na escuta das necessidades e dos problemas sociais e urbanos expostos pela própria comunidade durante os vários encontros em 2023. Na verdade, estes “produtos finais” formam um grande conjunto de memórias evocadas que foram sendo registradas a cada encontro para, depois de transcritas, serem analisadas para chegar ao ponto de serem apresentadas e aprovadas pelos recordadores. Esta riquíssima experiência permitiu, graças as memórias compartilhadas, resgatar a identidade individual e coletiva e evidenciar a cultura local num movimento fundamental para o seu empoderamento de sujeitos atuantes em seu território.

Em última instância, todo este conjunto se traduz em um projeto societal local organicamente produzido tendo como ponto de partida e base as evocações das memórias afetivas de quem está, cotidianamente, presente, experienciando e se relacionando com as múltiplas dimensões deste território.

É, com certeza, um projeto de devir que, mesmo tendo sido evocado e registrado pelo viés deste projeto, ele é, em verdade, parte inerente daqueles que estão vivenciando, co-criando, redesenhado, em cada ação, o próprio território, pois se inspira em suas memórias.

REFERÊNCIAS

Acselrad, H. (org.). **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2010.

Bispo dos Santos, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Ed. 2023.

Losekann, C. **Desastre na Bacia do Rio Doce: desafios para a universidade e para instituições estatais**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2018.

Reginensi, C. A Experiência dos itinerários e o uso das imagens em situação de risco. In: Reginensi, C. **Sociologia pragmática das transformações em diálogo**. Coleção Debate Social. Vitória: Milfontes, 2020.

SOBRE OS AUTORES

Alfredo Lampier Junior

Mestre em Sociologia Política pela Universidade Vila Velha (PPGSP/UUV). Graduado em Direito pelo Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC), e pós-graduação em Direito Civil também pelo UNESC. Professor e Coordenador do curso de Direito do UNESC. Secretário-geral da Comissão de Ensino Jurídico da OAB-ES. Pesquisador do Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais (NEUS).

ORCID 0000-0001-8917-6907, alampier@gmail.com

Andressa Maria Rovetta

Mestre em Arquitetura e Cidade pela Universidade Vila Velha (PPGAC/UUV). Pós-Graduada em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Faculdade Norte Capixaba de São Mateus (FAMAT), Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelas Faculdades Integradas de Aracruz (FAACZ). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais (NEUS) Arquitecta e urbanista nas empresas Andressa Rovetta Arquitetura; Marilândia Construções e Comércio LTDA.

ORCID 0000-0002-2895-1604, andressarovetta@hotmail.com

Esdras Eduardo Pontes Almonfrey

Mestrando em Arquitetura e Cidade pela Universidade Vila Velha (PPGAC/UUV). Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UUV). Pesquisador do LEMC (Laboratório Espaço Mente e Comportamento) e da rede Dasmind.

ORCID 0000-0001-9579-1914, esdras-eduardo@outlook.com

Fabício Cardoso de Mello

Doutor e mestre em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Realizou pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Vila Velha (PPGSP/UUV). Pesquisador do Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais (NEUS) e do Núcleo de Teoria Social e América Latina (NETSAL) do IESP/UERJ.

ORCID 0000-0003-2674-107X, fcmello@gmail.com

SOBRE OS AUTORES

Hugo Mariani Frossard

Mestre em Arquitetura e Cidade pela Universidade Vila Velha (UVV). Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UVV). Pesquisador dos grupos DALE! Decolonizar a América Latina e seus espaços (UFBA e UNILA), Neus – Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais (UVV) – e Urbes – Núcleo Capixaba de Estudos da Experiência Humana em Meio Urbano (UFES).

ORCID 0000-0003-1516-6209, frossard.hm@gmail.com

Luciana Schaeffer

Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil do Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC). Coordenadora do Núcleo de Empreendedorismo, Sustentabilidade, Tecnologia e Inovação (Nesti) e do Ciclo Curricular de Empreendedorismo e Inovação do Centro Universitário do Espírito Santo (UNESC).

ORCID: 0009-0002-6808-9921, lschaeffer@unesb.br

Marcos Barreto de Mendonça

Mestre e Doutor em Engenharia Civil (área de Geotecnia) pela COPPE/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduado em Engenharia Civil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1987). Professor Associado do Departamento de Construção Civil (Setor de Geotecnia) da Escola Politécnica da UFRJ. Professor da graduação em Engenharia Civil e dos programas de pós graduação em Engenharia Civil (PEC) da COPPE/UFRJ, em Engenharia Ambiental (PEA) e em Engenharia Urbana (PEU) da Poli/UFRJ e do Programa em Defesa e Segurança Civil da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador do Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais (NEUS).

ORCID 0000-0002-0708-9728, mbm@poli.ufrj.br

SOBRE OS AUTORES

Melissa Ramos da Silva Oliveira

Doutora e mestre em Geografia pela UNICAMP. Especialista em Restauro Arquitetônico pela PUC-Campinas. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNESP. Coordenadora e Professora titular do Mestrado em Arquitetura e Cidade e professora do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Vila Velha. Líder no CNPq do grupo de pesquisa Arquitetura, Cidade e Patrimônio, coordenadora do LEMC (Laboratório Espaço Mente e Comportamento) e pesquisadora da rede DASMind.

ORCID 0000-0002-8529-5180, melissa.oliveira@uvv.br

Teresa Cristina da Silva Rosa

Doutora em Sociologia do Desenvolvimento (EHESS-PARIS). Mestre em Ecological Design pela The Robert Gordon University. Mestre em Recherches Comparatives Sur Le Développement pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS-PARIS). Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialização em Environmental Education pela University of Strathclyde. Especialização em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora titular dos Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Cidade e em Sociologia Política da Universidade Vila Velha (UUV-ES). Coordenadora do Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais (NEUS).

ORCID 5488-6726-2794-1326, tsrosaprof@gmail.com

COMUNIDADE



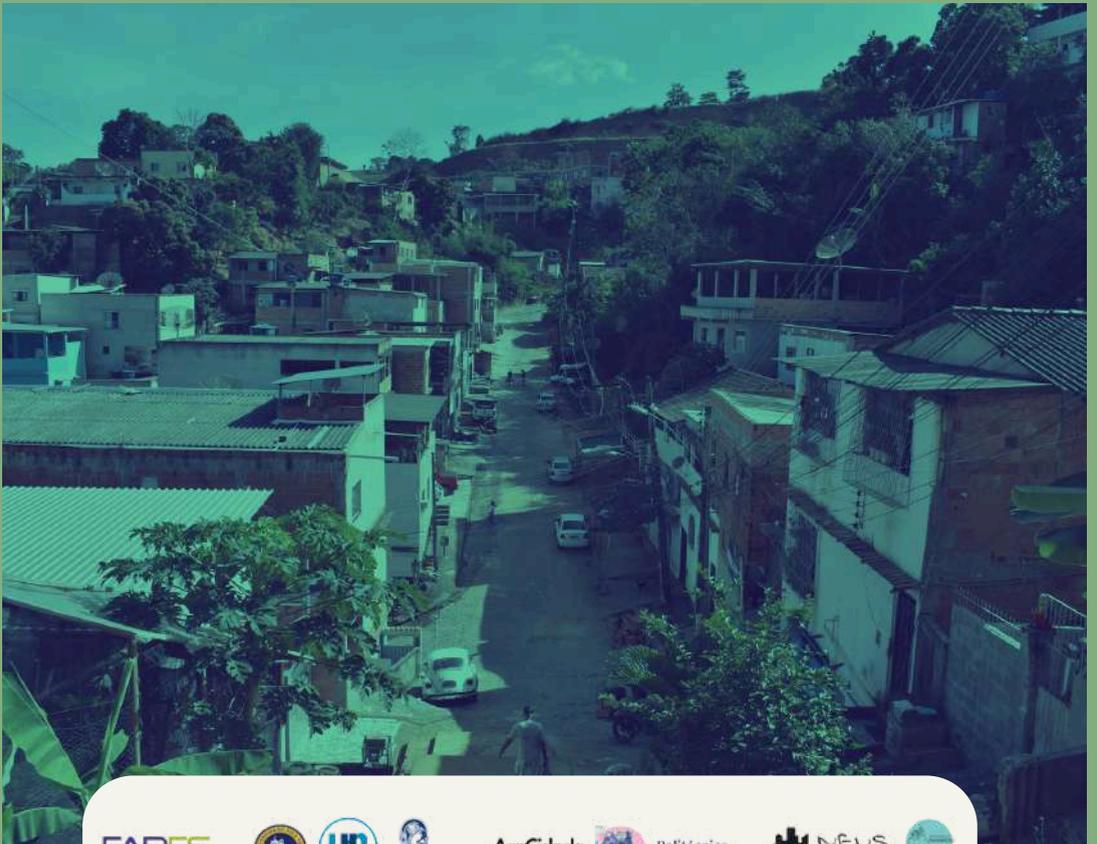
Gostaríamos de expressar nossa mais profunda gratidão à comunidade de São Marcos, Colatina-ES, pela valiosa contribuição e apoio durante todo o projeto de extensão. O empenho e dedicação foram fundamentais para o sucesso desta iniciativa.

Nosso muito obrigado!

AGRADECIMENTOS

- **FAPES** – Fundação de Apoio à Pesquisa do Espírito Santo
- **UVV** – Universidade de Vila Velha
- **UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro
- **UNESC** – Centro Universitário do Espírito Santo
- **ESCOLA POLITÉCNICA – UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro
- **PPGAC** – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Cidade – UVV
- **PPGSP** – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política – UVV
- **NEUS** – Núcleo de Estudos Urbanos e Sociais – Grupo de Pesquisa - UVV
- **ACP** – Arquitetura, Cidade e Patrimônio – Grupo de Pesquisa - UVV
- **NAE** – Núcleo de Arquitetura e Engenharia - UNESC
- **NPJ** – Núcleo de Práticas Jurídicas - UNESC





FAPES
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo



ArqCidade



Polytécnica
UFRRJ



NEAU
Núcleo de Estudos em Arquitetura e Urbanismo

